



A CIDADE DO PORTO.

LARGAMENTE tratou da segunda cidade do reino o *Panorama* em suas series anteriores. Acha-se uma descripção geral no vol. 3.<sup>o</sup> pag. 281, e noticias especiaes sobre Villa Nova e a Serra do Pilar no vol. 4.<sup>o</sup> pag. 161, sobre a Torre dos Clerigos, museu Allen e o commercio do Porto, a pag. 233 do vol. 5.<sup>o</sup> Acerca de Cedofeita consulte-se o vol. 6.<sup>o</sup> pag. 169, e de Miragaya o vol. 7.<sup>o</sup> pag. 81. Respectivamente ao rio Douro pódem vêr-se os artigos insertos no vol. 3.<sup>o</sup> pag. 177 e vol. 8.<sup>o</sup> pag. 33.

Tem decorrido alguns annos depois que se publicaram essas noticias, illustradas com os desenhos competentes; por isso, para acompanhar a presente estampa, e para que se conheça como descreve e avalia o Porto um distincto escriptor estrangeiro, recopilaremos o que se lê na obra publicada em Turim em 1850, pelo cavalheiro Luiz Cibrario. — *Ricordi d'una missione in Portogallo al re Carlo Alberto.*

Eis o desenho que faz do conspecto geral. «Quer pela via terrestre chegemos da deliciosa provincia da Beira ás margens do Douro, quer, deixando o Oceano, vencidos os bancos de areia que obstruem a foz, remontemos breve espaço do curso do rio, sumamente magestosa e picturesca é a vista da cidade do Porto, a qual campeia sobre duas altas collinas, cobre com seus variados edificios todo o declive, até vir banhar quasi n'agua a extrema casaria. Por isso, contemplando-se do meio do Douro, vêem-se umas casas surgindo de traz d'outras até mais a cima dos

dous montes corôados pela Sé, o palacio do bispo, a porta do Sol, e a torre dos clerigos que serve de balisa aos navegantes. Em certos logares, onde mais ingreme é o declive, os edificios que se levantam a varias alturas uns a cima dos outros parece formarem um corpo só, de proporções desmesuradas, de altura gigante. Junte-se a isto um rio caudal entalado nas margens e fundo, sulcado de navios e barcos de todas as nações, atravessado pela ponte pensil que liga a cidade á povoação de Villa Nova de Gaya; aggreguem-se-lhe as quintas espalhadas pelas encostas de ambas as margens em meio das mais excellentes e robustas arvores que ha no mundo; o Convento da Serra que se eleva solitario á esquerda do Douro; o céu ora avivado pelos esplendores do sol meridional, ora offuscado pelos nevoeiros do Oceano, os quaes quando não se condensam muito não tollhem a formosura das scenas da natureza, revestindo-as de tintas melancholicas; ora esfumando lentamente as ladeiras dos montes, ora afogando os pinheirões solitarios, em parte occultando, em parte escurecendo apenas os objectos, multiplicam os paineis que a vista procura e em que se compraz a imaginação, principalmente quando pensamentos tristes e intimos, fructo de amargos desenganos e previsões sinistras, agitam a mente, e parece que a magoa se mitiga se acha correspondencia no melancholico aspecto da natureza.»

No capitulo 6.<sup>o</sup> em que o auctor mais especial-

OCTUBRO 30, 1852.

mente trata do Porto, menciona as obras devidas ao zêlo do benemerito provedor, Francisco d'Almada e Mendonça, que deixou no Porto pelos fins do seculo passado honrada e popular memoria, taes como, as ruas de S. João e Almada, a rua nova dos Inglezes, a praça de S. Roque, a cadeia da relação, o passeio das Fontainhas, o bello chafariz que adorna a praça de D. Pedro, o theatro de S. João, os quarteis de Santo Ovidio.

« Não faltam ruas largas e regulares entre muitas estreitas e tortuosas; bella é a que vae da torre dos Clerigos á Batalha, e assás opulenta a rua das Flores; sufficientemente largas e direitas são as de Cedofeita, da Princeza, dos Quarteis, etc. Amena em muitos sitios é a margem do rio. Não faltam praças espaçosas e regulares; citarei as de D. Pedro, da Batalha, dos Ferradores, e tambem a vastissima da Lapa. As casas em certos bairros são altas e tão cortadas de portas e janellas, que apenas se vêem pequenos intervallos de parede solida. Os palacios são raros; o principal é o do bispo, construido no seculo passado; senhoreia a cidade toda, e d'ali se gosam dilatadas vistas. O ex.<sup>mo</sup> D. Jeronymo da Costa Rebello, dignissimo bispo actual, melhorou e adornou a ampla escadaria. Dignas do nome de palacio são tambem a feitoria ingleza e a casa onde habitou D. Pedro na rua dos Quarteis. O banco e a bolsa de construção moderna são casas elegantes, porém não palacios. »

O auctor censura as ruas dos bairros mais baixos, porque em ruas estreitas, tortuosas e ingremes não pôde circular livremente o ar, e tendo feito algumas observações sobre a limpeza, que já hoje é muito maior, continúa dizendo: « O clima do Porto é temperado; os calores raras vezes são intensos; o ar é humido; o céu com frequencia se cobre de nevoa até tres e quatro horas de sol fóra. Não faltam exemplos de extraordinaria longevidade. As doengas que predominaram no anno de 1843 foram as tísicas pulmonares, as hemoptyses, as bronchites e gastrites: a mortalidade, segundo a *Gazeta Medica* do Porto, foi de 2:086, a saber 990 homens e 1:096 mulheres, comprehendidos em o numero total 208 expostos.

« Adornam o Porto muitos chafarizes; ao todo são 112 fontes, quasi todas construidas de pedra, 72 de agua potavel. A melhor agua é no passeio das Fontainhas, e brota de uma rocha sobre a ribeira do Douro; corre por quatro bicas; a da praça de D. Pedro tem cinco.

« O principal estabelecimento de beneficencia é a Santa Casa da Misericordia erecta em 1555 na rua das Flores, com uma bella igreja. O auctor louva, como é de justiça, a piedosa instituição das casas de Misericordia. Antes do seculo 16.<sup>o</sup> havia no Porto quinze hospitaes pequenos e mal administradõs, reliquias da idade media; el-rei D. Manoel quiz que se construísse no Porto um hospital geral. Pelo mesmo tempo iguaes transformações succediam em França, na Italia e n'outros paizes; o mundo suía dos apertadõs circulos e mesquinhezas da idade media, e avultava em proporgões menos municipaes, porém mais nacionaes. Não tardou que se estabelecessem no Porto asylos e hospitaes além dos que já existiam. A Santa Casa administrava e ainda administra o hospital geral, que se chamava hospital real (na rua das Flores) e ora é o hospital novo de Santo Antonio na praça da Cordoaria; e mais sete hospitaes, isto é, dos expostos, e das velhas, dos entrevados, dos leprosos; e além d'isso dá dotes a orphãs, veste pobres, e soccorre os surdos-mudos.

« Outros hospicios valem aos desgraçados nas diver-

sas miserias humanas. O collegio de Nossa Senhora da Esperança, fundado em 1724, sustenta orphãs desde os 8 até os 25 annos. O recolhimento da Madre de Deos, vulgarmente chamado do *Ferro*, asyla raparigas pobres que vivem do trabalho de suas proprias mãos e de esmolos. O recolhimento das meninas desamparadas, os de Nossa Senhora do Resgate, e da Senhora das Dôres, para mulheres idosas, completam o systema de beneficencia portuense no que respeita o bello sexo.

« O collegio dos meninos orphãos, o seminario dos meninos desamparados provêm ao sustento e educação de outras duas classes infelicissimas da pobreza. O dos orphãos foi fundado no anno de 1651 pelo veneravel sacerdote Balthasar Guedes, sob a invocação de collegio de Nossa Senhora da Graça, e com tão boa ordem se governava que d'elle saíram muitos sacerdotes e religiosos, muitos doutores e até um bispo. »

Passa o auctor a elogiar a bella e util instituição das casas d'asylo da infancia desvalida, de que dá resumida, mas exacta idéa, e depois de mencionar outros estabelecimentos trata dos monumentos sacros dignos de memoria.

« Começemos pela Sé ou cathedral que campeia magestosamente coróando um monte. A fachada é um grande arco entre duas torres: o interior não é destituido de magestade. Querem que este templo fosse fundado pelo primeiro rei de Portugal, e sua esposa D. Mafalda de Saboya (que o auctor por engano chama D. Mathilde). Como n'estas comarcas foi o berço do reino de Portugal, não admira que em Braga, aqui, e em Coimbra se encontrem as primeiras provas da liberalidade de seus principes. Sabe-se que a capella mór foi construida no seculo 17.<sup>o</sup>

« Outra igreja antiga é S. Francisco; o abside que é do seculo 15.<sup>o</sup> está muito bem conservado. A da Lapa é vasta e bella. Muitas outras igrejas, entre ellas, a do Carmo e a dos Clerigos são agradaveis e ricas de douraduras, ornatos e pinturas de imagens; no que em Portugal como em Hespanha ha superabundancia. Mas são pequenas e não contêm cousas notaveis; (1) todavia o aspecto exterior da dos Clerigos é monumental, especialmente em razão do logar onde se eleva, e da elegantissima torre que a acompanha e serve, como dissemos de balisa aos mareantes.

« A duas horas de caminho da cidade, na direcção de Braga, é digna de vêr-se a igreja de Leça do Balleo, que dizem ter pertencido aos templarios, do que não ha vestigio, e veio depois ao poder da ordem de Malta. A igreja é de tres naves com grande abobada gothica sustentada por feixes de quatro columnas. O baptisterio é lindamente lavrado no estylo gothico; na capella lateral do altar mór do lado do evangelho, se vê um tumulo com estatua jacente, e a inscripção que diz estar ali sepultado D. Fr. João Coelho, prior do Crato, chanceler mór de Rhodes, bailio de Negroponte, do conselho d'el-rei, etc. 1514.

« A fachada d'esta igreja é um nobre e puro exemplar do bom estylo gothico; mas sobre tudo notavel é a grande e alta torre quadrada, com besteias e ameias, e que antes da invenção da polvora devia servir de poderosa defesa. »

O auctor termina com uma brevissima resenha dos estabelecimentos litterarios e algumas noticias sobre o commercio e industria do Porto, que não tem o merecimento da novidade.

(1) Já dissemos que expunhamos as opiniões do auctor como elle as emittiu.

## POETAS DA ARCADIA.

PEDRO ANTONIO CORRÊA GARÇÃO.

No Menalo — Corydon Erimanthêo.

## III.

N'ESTAS indignidades tinham caído as musas, quando a Arcadia veiu lutar contra os corruptores do gosto, combatendo-os com a critica e com o exemplo. O que resta dos seus poetas e censores, e o que se sabe dos seus trabalhos, basta para attestar o zêlo e o engenho com que vindicou os foros da lingua, e cultivou as verdadeiras letras, cujo formoso seio os escravos da imitação não se cançavam de rasgar com repetidos ultrages. N'esta empresa o Garçãõ era o homem talhado para supportar o maior pezo, trazendo sempre a par a censura da baixesa, e as regras severas da arte, cujo amor foi a paixão da sua alma. Austero e inflexivel nos juizos que compunha, nenhuma attenção estranha o amaciava. Com os olhos em Roma antiga, e em Athenas, só n'ellas via a perfeição, e esforçava-se para que os outros a sentissem como elle. A magoa do abatimento em que jazia a poesia, tão opulenta um seculo antes, ainda fazia o seu espirito mais rigido, e a sua opinião mais inexoravel. A divisa dos Arcades « *Inutilia truncat* » applicada por elle, se peccou ás vezes foi por excesso de justiça, nunca por indulgencia. Os seus amigos quando se assentava na cadeira de censor já sabiam que só verdades iam ouvir da sua bôca.

Na famosa disputa sobre a theoria da arte moderna, o Garçãõ, e ao lado d'elle José Caetano de Mesquita criminavam de incestuosa a alliança da mythologia e das risonhas ficções do paganismo com o sentido moral da inspiração catholica. Assim a these, que dictou a Chateaubriand capitulos admiraveis no Genio do Christianismo, era ventilada com menos esplendor, mas com bastante erudição muitos annos antes na Arcadia.

Pouco accessivel ao exagerado escrupulo dos pastores seus socios, e mais eclectico nas tendencias, Antonio Diniz, (Elpino Nonacriense) advogou a liberdade do Parnaso com galhardia. A seu vêr desterrar as musas gregas de todos os assumptos, significava nada menos do que proscriver muitas obras excellentes do engenho humano, comprimindo a phantasia; quando era sufficiente excluir a imitação pagã dos poemas religiosos em que a mistura das duas escolas só havia de produzir absurdo e desharmonia. Esta contenda suscitada pelo Garçãõ no exame da primeira ecloga de Diniz, deu origem ás dissertações do auctor do *Hyssope*, que não ficou vencido no certame.

O exercicio frequente d'esta censura austera foi uma das armas poderosas da Arcadia; e deve-se desculpar aos socios em muitas occasiões o abuso da erudição, quando a ignorancia era geral e o desprezo dos bons dictames completo. De certo nem o Garçãõ e Diniz, nem Valladares e o Candido Lusitano subiam com os estudos criticos além do principio imitativo; a sua theoria não exprimia a reacção do progresso, descobrindo idéas novas, e formulando-as com a doutrina e com o exemplo; resumia apenas um progresso menos ambicioso e mais acanhado, que se contentava com a restauração das tradições da renascença, não crendo que fóra d'ellas pudesse encontrar-se o bello e o sublime no pensamento ou na forma. As dissertações de Garçãõ sobre a tragedia, e as de Figueiredo sobre a comedia não se apartam de tão restricta intelligencia. Nenhum d'elles trilha desco-

nhecidos caminhos ou os suspeita; nenhum julga possivel mesmo, que o drama saia do molde greco-romano, e das ultimas correctas appropriações da Thalia, e da Melpomone franceza.

Discutiam o caracter e a importancia da manifestação dramatica, mas sem anteverem que a liberdade fóra o espirito vivificante, que tinha infundido a alma e o sentimento da sociedade grega nas grandes creações de Sophocles, de Euripides e de Aristophanes. Os rasgos de Shakspeare, a poetica de Lope da Vega e de Calderon, a comparação da arte do norte com a do meio-dia, e o germen da futura renovação depositadas n'ellas, nunca o entenderam e nunca sequer o presentiram!

O Garçãõ, que é quem symbolisa mais o lavor intellectual da Arcadia, expressou claramente o sentido da reforma nos preceitos impostos á imitação da antiguidade, e do renascimento portuguez. Nem admite o desprezo das maximas do Parnaso, nem perdoa a servidão da cópia quando até os vicios quer adorar! Diniz, condemnando o insulso e rustico estylo da poesia pastoril, de que Pina e Mello era o vulgarizador, se não poupa as setas ao *Corvo do Mondego*, (assim lhe chamavam por ironia) tambem nunca excede o circulo dos reparos imitativos, não antevendo nem as primeiras imagens da admiravel poesia, que tira todos os quadros da natureza viva, e os enriquece com as côres e as maravilhas da criação. Atala e Waverley, os paineis de Cooper, e as descrições de Byron, vieram depois; n'aquelle tempo, se apparecessem, é mais que provavel, que pela sua temeridade excitassem a desconfiança dos pastores do Menalo. Haviam de julgar a realidade poetisada forte de mais para a sensibilidade da sua critica.

O sentido que domina todas as censuras e dissertações dos Arcades, encontra-se com a mesma intensidade nas obras que apresentam como typos da sua theoria. A fórmula não varia; a interpretação poetica não se desvia dos modêlos, os Arcades conhecem os autos de Gil Vicente e louvam-nos, leram as comedias de Calderon, Lope da Vega e Tirso de Molina; mas se o primeiro nada lhes indicou para a criação de uma escola nacional, os segundos deviam ser quasi um objecto de horror para elles, como precursors da inundação de composições hybridas, que enchiam de visagens e de chascos a scena do seu tempo. O inimigo, que mais se empenhavam em debellar, saíra da imitação depravada dos auctores hespanhoes do seculo 17.<sup>o</sup>; as nuvens de papelão, os diabretes, os sacatrapos, os carros de phaetonte, as serenatas e mais accessorios obrigados das magicas e operas estrangeiras, traduzidas ou dadas no original, com o sabido cortejo de bobos, barbas, amorosas e galãs, tiravam a genealogia e deduziam os mascavados brasões d'essa fonte que, no seu odio implacavel, os Garções e os Figueiredos de certo accusavam de ser a causa principal da corrupção do gosto e dos preceitos salutaes.

Assim, veja-se como a veia, de ordinario serena, do Garçãõ corre agitada na comedia satyrica intitulada *O Theatro Novo*. O enredo, na sua simplicidade, serve apenas de pretexto ao ridiculo para disparar seta sobre seta aos estragadores da escola severa. As vezes a zombaria azeda-se, e o dardo ironico sente-se ferir tocado de sel. Aparece a cada passo a cabeça do poeta por cima do hombro do interprete da sua critica no personagem *Gil Leinel*; são fustigados e envilecidos os apologistas do drama de espectáculo, das machinas, e dos *herocs chorões* no personagem condemnado de *Braz, Licenciado*. A surriada sustenta-se continua e cruel, o verso é animado, a phrase feliz, e o estylo proprio. As magicas do desditoso

Antonio José, *Os Encantos de Medeia*, *Os Precipícios de Phactonte*, e o *Alcirim e Mangerona*, pagam por todos os desvarios da Thalia plebea, expostas a uma irrisão, que nada esquece para as lacerar. A indignação da austera critica desata-se em bellos trechos: a censura arma-se de um açoute, que doendo, não estanca o riso; mas quando cessa a parte negativa: quando as *tramoias*, os *dragos*, e as *transformações* de roldana se derreteram ao calor da ira, e os *Éneas* e *Theseos* cantantes se sumiram pela voreagem do ponto; o que põe o reformador no lugar d'elles!

De que modo promette curar o publico da baixeza de um genero falso, e trazel-o ao gosto de uma escola sêria, litteraria e isenta de abjectas truaniées? Voltando aonde ficou o genio original e portu-guez de Gil Vicente? Ponderando o uso da sensata liberdade com a observancia das regras, que hão de ser eternas em quanto houver theatro? Não! Cego pelo espirito de reacção, levado pelo pendor imitativo, entregue á especulação classica, perde a realidade de vista, e quer a regeneração da arte, convertendo as plateias em academias, e o povo em Arcade; substituindo ao pessimo estylo da prevertida imitação uma escola, rigida sim, elevada de certo, mas não menos falsa, não menos opposta á fundação da verdadeira scena nacional. Contra o veneno das magicas propõe como triaga efficaz as traducções de Sophocles, de Euripides e de Terencio! Contra as comedias de enredo e os entremezes destemperados, receita a comedia franceza e a tragedia de character, ou traduzidas ou pautadas pelo decalogo rigoroso das unidades e seus glosadores. Applica a mordaga ao judeu e ás suas cyrees, para dar largas á verbosidade erudita do reverendo d' *Abignac*!

Manoel de Figueiredo, um santo homem, official de secretaria, e poeta de martello, batia entretanto na incude grammatica os versos ferreos e gelados das suas pegaz; e offencido da solidão em que gemiam os *Ouqes*, os *Líriatos* e as *Osmias*, mais estrangeiras e antipathicas ao povo, do que os sacatrapes que o faziam rir, e os bobos hespanhoes que o divertiam, vingava-se da negação tragica do seu talento, crucificando no *Dramatico Afinado*, e nos *Censores de Theatro*, as ingratas plateias que desertavam da sua causa, bocejando, para irem bater as palmas e as patetas ás operas do Judeu. *O Chantre das Alagôas*, personagem ridiculo e presumposso, serve-lhe de bo-de emissario; n'elle representa e castiga mais do que em nenhum outro os peccados dos detractores. Se é entidade puramente ideal, o auctor faria melhor em aparar a penna comica, dotando a scena de obfus que houbessem com os modêlos immortaes de Moliere, que tanto cita, e que nas suas versões se mettem a corregir. Se é allusão a pessoa certa, esqueceu-se de que a ousadia poetica de cometter os arrojos da *Duaciada*, exige a força e a estatura de um Pope.

Figueiredo luctava com Minerva adversa. Feliz e abundante nas idéas capitaes dos dramas, enredando-os com arte, apenas pega no pincel e principia a creber o quadro, empasta e perde tudo. *O Avaro Dissipador*, *O Fidalgo de sua Casa*, *O Indolente Miseravel*, e tantos outros, eram assumptos que, sustentados os caracteres, animado o dialogo e travadas as situações, dariam nome a um auctor. Nas mãos d'elle gela-se o interesse; adormece a conversação; apagam-se as phisionomias, e aborrece a fabula. Como queria Figueiredo com os seus treze volumes, inacessiveis á curiosidade mais accêsa, converter o publico, mudar o gosto e renovar a arte? Um verso lirto e contrafeito, um estylo arido e somnolento, a phrase parecendo torneada para a gazeta, foram nunca os

dotes de um engenho comico, cujo exito consiste na intenção, no proposito espirituoso, e na veia facil e transparente? A Musa jovial, que ensina com o riso, podia acaso conhecer-se na rabugenta e soporifera Thalia do pobre Lcidas Cynthio, empapelada nas toucas, pejada de advertencias moraes, e preciosa em impertinencias cançadas? O povo não riu com as comedias, riu-se d'ellas e deixou-as; a posteridade confirmou a sentença, e esta tentativa lembra só para assignalar a queda de mais um Icaro, ao qual enganaram as azas, precipitando-o quando suppunha de facil alcance a altura do verdadeiro engenho!

(Continúa.)



GUERNICA.

No sitio mais desafogado e formoso da Biscaya, a distancia de duas leguas e meia de Bermeo e quatro de Durango, encontra-se uma povoação que apenas consta de sete ruas e uma praça. No topo d'esta levanta-se a sumptuosa casa consistorial, construida de boa cantaria, cuja espaçosa galeria serve de comodo passeio nos dias de chuva. No empedramento da praça e ruas ha todo o esmero, e conserva-se o maior aceio, como acontece em quasi todas as povoações das provincias vascongadas. Esta a que nos referimos, e que é pequena, mas aprazivel, é a villa de Guernica, fundada por D. Tello, irmão do rei D. Pedro de Castella, e senhor de Biscaya por sua esposa D. Joanna, em virtude do privilegio expedido no anno de 1366, e que foi confirmado posteriormente por varios soberanos.

O monumento mais notavel de Guernica é a igreja da invocação de Nossa Senhora *la Antigua*, que,

principalmente, por estar contigua á famosa e veneranda arvore sob a qual se tem reunido os biscaynhos desde tempo immemorial para celebrar os seus congressos, e receber o juramento aos seus senhores, de guardarem religiosamente os seus *foros, bons usos e costumes*, é mui digno de ser visitada pelos estrangeiros.

Este templo cuja antiguidade se crê, com algum fundamento, remontar ao seculo 3.<sup>o</sup> da igreja, e 1.<sup>o</sup> da introdução do christianismo entre os vascongados, foi reedificado, por principios do seculo 15.<sup>o</sup>, a expensas do célebre doutor Gongalo Morò, primeiro corregedor de Biscaya. Escolheu-se o seu recinto para n'elle se celebrarem as juntas que d'antes se reuniam sob a arvore sagrada; e em 1826 começou-se a construcção de uma soberba igreja, com igual invocação, e para o mesmo fim, que, por virtude das guerras civis de que a Hespanha tem sido theatro, não se acha ainda inteiramente concluida.

Quem tiver lido os artigos que dêmos no *Panorama* ácerca das provincias vascongadas poderá imaginar a veneração em que os biscaynhos guardam a gloriosa arvore, monumento sempre vivo de honradas tradições. Com effeito sob aquelle roble magestoso infinitas gerações tem sido verdadeiramente livres, sem que essa liberdade tenha custado sangue, nem lagrimas, porque é intimamente identificada com o sentimento religioso e monarchico, e com os costumes, com o character e com as necessidades dos singelos e virtuosos moradores d'estas montanhas.

O espectáculo que Guernica ostenta por occasião das juntas geraes é realmente interessante. Ao benigno clima, ao formoso prospecto das deliciosas veigas que se estendem ao Norte e ao Sul, reune-se a alegre concorrência que a obrigação e a curiosidade ali attrahem. As juntas duram ordinariamente dez dias. Durante a guerra civil em 1839 estiveram suspensas, faltando a Guernica o que lhe dá interesse e importancia. Padeceu em 1834 um consideravel incendio.

#### A LEITURA.

Com razão se dá o nome de arte á de escrever; a de lêr merece em nosso conceito a mesma qualificação. Adornar as idéas com elegancia e bom gosto é um acto do entendimento, superior sem duvida ao de receber a impressão que produzem no animo; porém, acolher com acerto estas idéas em nossa intelligencia, é effeito do bom gosto junto a uma pratica illustrada.

É incontestavel que o bom gosto não basta per si só para conseguir-se na leitura o fim appetecido. A leitura do mesmo livro póde produzir sensações mui diversas em duas pessoas de gosto igual e de affeições similhantes. Uma se imbuirá completamente das idéas do auctor; a obra despertará no seu entendimento nova serie de emoções que até ali desconhecia; ao passo que a outra pessoa só terá conseguido distracção agradável que não deixa mais vestigio do que um tropel de sensações.

Para explicar estes differentes resultados é preciso recorrer a uma distincção ideologica, que parece revelar um dos grandes mysterios da arte de lêr. A logica estabelece differença entre a percepção e as idéas. Chama-se percepção á faculdade do entendimento pela qual comprehendemos a simples impressão dos objectos; porém, quando estes objectos existem já no entendimento enthesourados e ordenados como materiaes para uso da reflexão, damos-

lhe o nome de idéas. Podemos comparar a percepção a um raio de luz, tibio e fugaz, que alumia momentaneamente um objecto, sem deixar apoz sí luz ou calor: pelo contrario, a idéa é como o raio ardente do sol que derrama luz fixa e poderosa sobre o objecto que illumina.

Alguns leitores singelamente e a miudo se queixam de ruim memoria e de tirar escasso fructo de seus estudos. De ordinario procede isso de acharem maior satisfação em se entregarem aos faceis prazeres da percepção do que ao laborioso habito de transformar as percepções em idéas.

A percepção requer unicamente sensibilidade no gosto, sendo os prazeres que proporciona continuados, delicados e faceis. Não assim quanto as idéas, que são uma especie de combinação ou de esforço do raciocinio, um trabalho mental; por consequencia, é injusto que os aborrecidos do lavor se lamentem de metter o arado á terra e não colherem depois uma só espiga.

A leitura tem segredos encaminhados a facilitar seu intuito, ora auxiliando a memoria, ora augmentando o cabedal enthesourado no entendimento. Muitos d'estes segredos inventa-os o nosso proprio engenho, e é de suppor que cada leitor tem seu modo especial de estudar, assim como cada tachygrapho tem seu systema peculiar de transcrever suas notas.

Plinio o velho, que além de ser infatigavel compilador, devia ter grande experiencia da arte da leitura, observa que não ha livro, por máo que seja, que não contenha alguma cousa boa. Lér todos os livros seria prejudicial á maior parte dos leitores: tambem não é necessario para qualquer se instruir lér um livro do principio ao cabo. De muitas obras basta tomar idéa do plano, ou examinar uma parte. Poucos leitores percebem toda a utilidade do pequeno supplemento com que geralmente costumam terminar os livros: todavia, alguns escriptores eminentes foram consummados na arte de lér os indices. Quanto a mim, posso dizer que venero o inventor dos indices a tal ponto que não sei a quem dar preferéncia, se a Hippocrates, que foi o primeiro anatomico do corpo humano, se o desconhecido genio que primeiro poz patentes os nervos, as arterias de um livro.

Montaigne costumava notar no fim de qualquer obra que não tratava de lêr de novo o tempo que dedicára á sua leitura, e um laconico juizo de seu merecimento «para recordar (dizia) a idéa geral que recebêra do auctor e de sua obra.»

É sabido que o poeta Young, chegando a uma passagem digna de attenção, fazia uma dobra na folha, de maneira que por sua morte acharam-se-lhe na bibliotheca infinitos livros que não podiam fechar-se. Este methodo é mais commodo que util, porque, se bem o examinarmos, veremos que passado algum tempo é necessario lér outra vez para averiguar porque se dobraram as folhas. Evitam alguns o inconveniente, apontando n'uma folha em branco as paginas a que pertendem referir-se, com duas ou tres palavras de analyse ou critica.

É não se tenham estas minucias por indignas de intelligencias superiores; por taes meios, sem importancia ao que parece, consegue auctoridade a erudição, e combina suas idéas a imaginação mais exaltada.

O leitor de profissão deve dividir o tempo entre a leitura que denominaremos de «obrigação» que é mais substancial e mais util, e a de «devoção» que proporciona instructivo recreio. Guido Patini, celebre medico, diz que lia diariamente Hippocrates, Galeno e outros mestres insignes da sua profissão, ao que chamava a sua leitura de proveito; e com algu-

ma frequencia lia Ovidio, Juvenal, Horacio, Tacito, e era esta a sua leitura de recreio. Cumpre fazer esta differença, porque succede ás vezes um jurisculto, um medico, um engenheiro, mui laboriosos e afeioados ao estudo, darem-se áquellas leituras variadas, descuidando-se das que devem ser sua applicação continuada.

Póde em muitos casos considerar-se o leitor como um captivo atado ao carro triumphal de um auctor de celebridade; então não costuma julgar per si mesmo, e quando lê as obras indifferentes de um escriptor famoso imagina que o cansaço e fastio, que sente, nasce da sua falta de bom gosto. Mas tenham presente que os melhores escriptores, quando são demasiado volumosos, já tem muito de mediocres.

Por outra parte, o leitor não deve figurar na imaginação que todo o prazer que lhe produz uma composição provém exclusivamente de seu auctor, porque sempre o leitor tem de pôr alguma cousa do seu para que lhe agrade o livro. O escriptor não póde dar certo appetite litterario que é indispensavel, como o mais habil cosinheiro não póde dar vontade de comer ao commensal sem appetencia.

O estado accidental em que se encontra o animo do leitor influe ás vezes desfavoravelmente na apreciação que faz de uma obra: exemplos temos de juizos mui erroneos emittidos por grandes escriptores, e que sómente pódem attribuir-se áquella circumstancia. O animo transmite a sua má disposição ao livro, e o infeliz auctor tem que pagar não só pelas suas culpas, mas tambem pelas alheias.

Um obstaculo mui frequente para a leitura é a antipathia do animo em fixar-se n'um assumpto; instigados por idéas differentes e achadas com difficuldade acolhemos as do auctor. Applicando-nos com graciosa violencia á leitura de uma obra interessante, conseguimos em breve consubstanciar o entendimento com o assumpto.

Os leitores pódem dividir-se em um numero infinito de classificações, em quanto que o misero auctor é um ente solitario, que pela razão de agradar a uns, desagrada por consequencia a outros.

O talento vehemente em demasia é mais prejudicial á propria celebridade do que o talento mediano, porque devemos observar que as obras mais populares não são as mais profundas, mas sim as que instruem o que carece de instrucção, e deleitam os que não têm sufficiente para gostarem de sua novidade. Montaigne queixava-se de que os seus leitores eram sempre ou demasiado instruidos ou demasiado ignorantes, de sorte que só podia agradar a certa classe mediana, que possuia a instrucção strictamente necessaria para entendel-o.

Congreve diz que «há na verdadeira belleza certa cousa que as almas vulgares não pódem admirar.» Balzac queixava-se amargamente dos leitores. «Um periodo (exclama) ter-nos-ha custado o trabalho de um dia inteiro; teremos distillado n'um trecho toda a essencia de nosso entendimento; temos conseguido fazer um modelo da arte; e pensam que são indulgentes quando declaram que o livro tem cousas bonitas e que o estylo não é mau!» Ha um não sei que nas composições mimosas e delicadas que o vulgo dos leitores não alcança comprehender.

Os auctores são vangloriosos, mas os leitores são caprichosos. Uns só querem livros antigos, como se não houvera verdades de muito preço nas publicações modernas; a outros agradam sómente as obras novas como se não houvera cousas de muito preço nos livros antigos. Muitos não lerão um livro, porque conhecem o auctor, no que póde perder mais o leitor do que o auctor; outros não só leriam o livro,

mas até leriam e interpretariam o homem, no que o escriptor de maior engenho póde perder mais do que o leitor mais impertinente.

(Extracto das obras de I. D'Israeli.)

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

INSTRUCÇÕES DADAS AO COADJUTOR DE BERGAMO, NUNCIO EM PORTUGAL NO TEMPO DE D. JOÃO III.

«HA em Portugal continuadamente infinitas questões matrimoniaes, e de outras especies ecclesiasticas. E havendo nuncio auditor, está o reino todo nas suas mãos pela causa principal, ou por outras dependencias. Porém é necessario ter o nuncio auditor, e fazer justiça; o que muito concorre para a sua auctoridade, e para ser respeitado; e os irmãos do rei, e outras pessoas grandes, precisam d'elle, a ponto que lhe apresentam supplicas, e lhe reconhecem poder aquelles mesmos que mais lh'o contestavam.

«Como o rei é muito governado por monges e frades, e por isso todos os dias carece de dispensas, creio que será oportuno, que o nuncio traga facultade particular sobre frades e monges, não usando d'ella senão em casos importantes, de que lhe resulte auctoridade perante o rei, e com que incuta temor aos frades, attendendo sempre a que elles são poderosissimos em Portugal.

«Por isso e para concluir muitas cousas, que de outro modo se não acabam, é preciso que o nuncio leve breves para os frades mencionados ha pouco, e credenciaes, dando-lh'os com preceito de os não publicarem.

«Tambem é conveniente trazer o nuncio tres ou quatro breves credenciaes sem sobrescripto para os poder entregar a alguns frades em circumstancia grave, em que produzam grande effeito.

«É necessario que o nuncio traga expressa commissão e ordem de defender a liberdade ecclesiastica, e os padres que vir opprimidos por seculares, ficando por isto todo o clero seu escravo; e o clero fórma a parte mais poderosa do reino; assim attrahirá á Sé Apostolica muitos amigos que se calavam por não haver para quem recorressem; e castigando os clergos culpados com justiça, dará satisfação tambem aos seculares.

«É preciso saber o nuncio quem são os prégadores e confessores das personagens da côrte, e assim que descobrir na sua doutrina qualquer opinião má, acuda com o remedio em tempo, e usando de auctoridade sem contempções, que é o modo de curar os males sem violencia, evitando chegar á extremidade.

«Como os males da igreja principalmente nascem de se deixar perder a obediencia, dissimulando as cousas por considerações particulares, chegando-se por negligencia á ruina total, com perigo eminente de derribar tudo por terra; attendendo e reflectindo na importancia d'isto, os principes passados sabia e santamente estabeleceram a excommunhão publica da quinta feira santa, e ainda no tempo de Leão e de Clemente se costumava mandar a dita bulla aos prelados, afim de se publicarem nas respectivas dioceses como ella determina; o que vejo que hoje se não faz. Affirmam todos, com quem me informei, que seria cousa religiosissima e de optimo effeito, e levantaria immensos obstaculos, trazer o nuncio a bulla e enviál-a aos prelados e prégadores, com preceito de a publicarem ao povo, visto ser ella uma das armas principaes da igreja para conservar a união dos fieis.

e a sua auctoridade. Faz-se uma cerimonia, vêem que não passa da praça de S. Pedro, em quanto na Hespanha são raros os que sabem o seu conteúdo, e o que significa, e os confessores, ou porque a não lêem, ou porque a dissimulam, absolvem dos casos reservados, ficando tão excommungados como os penitentes, e causando grande prejuizo á Sé Apostolica por se notar, que assim como se deixa de cumprir uma bulla d'esta importancia, de que depende muito a auctoridade da santa Sé, menos se deverá temer a desobediencia a outros preceitos ordinarios do papa e da igreja. E posto que isto pareça futil, os que conhecem a indole d'aquelles povos, asseguram que é importantissimo.

«Em os negocios da Inquisição, que vierem expressamente ao nuncio, e em que elle tiver de se encontrar com os actos do infante D. Henrique, deverá acautelar-se muito, para, sem consentir quebra no que pertence ao seu officio e á justiça, obrar e fallar sempre com summa reverencia, porque os irmãos do rei querem ser tratados quasi como iguaes do monarcha. Sejam livres as acções e decididas na auctoridade; nas palavras porém guarde sempre maneiras cortezes e respeitadas, porque assim não terão pretextos a que se peguem, e as cousas substanciaes irão por diante.

«Deverá visitar o infante algumas vezes sem outro motivo senão o de o comprimentar; e do mesmo modo acompanhar o rei sempre que elle sair, assistindo ás festas e ceremonias publicas, a que S. Alteza concorrer com a cõrte.

«Não deixará trazer ou ter consigo nenhum portuguez; porque, por amor da patria ou por amizades particulares, poderia revelar o que visse ou escutasse em casa do nuncio, cousa perigosissima, que além de o tornar suspeito em tão delicada negociação, viria a ser origem de graves inconvenientes dando que fallar.

«Bom será travar estreitas relações com algum prelado para lhe poder confiar algumas das cousas que quizer que se saibam; e entendo que um d'elles seja o arcebispo de Lisboa, prelado maior, parente do rei, e seu capellão-mór; creio que elle ha de servir bem, sabendo com tudo que foi recusado pelos christãos novos, que o não quizeram para inquisidor. É muito tímido. O nuncio fallar-lhe-ha sempre isento e firme, como homem, que executando o seu dever, segundo a vontade de seu amo e serviço de Deus, não teme nada, com Deus, o papa, e a Sé Apostolica da sua parte. D'este modo os medos que lhe metterem hão de cair sobre elles.

«Item. Como os frades n'aquelle reino (já o disse) gosam de grande fayor, e muitos cortezaos por verem que é este o caminho de se introduzirem no valimento do rei, fallam e conversam muito com elles, julgo essencial que o nuncio faça o mesmo; visitando de proposito os mosteiros, tratando amizade com os seus prelados, mostrando confiança n'elles e pedindo-lhes conselho; com esta tactica succederá que fallem d'elle ao rei; e em quanto pessoalmente fizer saber a S. Alteza mil cousas agradaveis, por via de outrem, fará que lhe cheguem outras mil. É facilissimo seduzil-os, porque a maior parte cuidam mais do mundo, do que da clausura. E para servir bem a Deus e a N. S. é justo accomodar-se a todos sem peccado; por este caminho hão de concluir-se mais cousas do que á primeira vista parece.

«Os portuguezes espiam muito as familias dos estrangeiros, especialmente as dos nuncios e padres, que naturalmente desejam calumniar. É indispensavel que o nuncio tenha grande vigilancia na vida e costumes dos seus famulos, porque de outra cousa

não fallo; e isto é facilissimo, vivendo como se sabe que vive, e com a familia honestissima que tem.

(Continua.)

## LENDAS HISTORICAS.

### O DEMONIO DO LAGO.

#### III.

#### *Duas Viagens.*

EMBARCARAM em Dumbarton; mas apenas a frota que comboyava a rainha de Escocia se afastou da costa, começou de soprar o vento rijamente, e os navios, combatidos pelas vagas, estiveram prestes a abrir-se e fazer-se pedacos.

A rainha occorreu logo a medonha visão. Evidentemente o demonio do lago perseguia-a, e as ondas deviam de ser-lhe funestas. Com as mãos postas, e orando fervorosamente, a filha de Jaques V supplicou ao genio máu de Monteith que poupasse os seus companheiros, e a ferisse a ella só. Esta prece de um coração puro, remontou ao céu atravez as acastelladas nuvens. Um vento favoravel impelliu a esquadra para as costas de França, e uma segunda feira, 20 d'agosto de 1548, o navio que conduzia Maria Stuart abordou, ou para melhor dizer, foi encallar, na ponta da bahia de Morlaix, em uma furna de contrabandistas e de corsarios, no porto de Roscoff.

A influencia do Kelpy parecia perseguir Maria até na terra em que devia reinar. Quando saía em grande estado da igreja de Nossa Senhora de Morlaix, onde se havia cantado um solenne *Te Deum*, e ao passar a porta da cidade, chamada *Porta da Prisão*, a ponte levadiga quebrou-se e caiu no rio. Os escocezes gritaram que havia traição. «Mas (diz o chronista) o senhor de Rohan, que ia a pé junto da liteira de Sua Magestade, retroquiulhes severo: Que um bretão era incapaz de attraigoar alguém. E de feito nos dous dias que a rainha se demorou ali para descansar das fadigas do mar, estiveram abertas todas as portas da cidade, e as pontes foram cortadas as cadêas.»

Em S. Germano Maria Stuart breve esqueceu os adeuses do demonio de Monteith e os agouros da sua viagem. Passou ali alguns annos felizes n'um continuo lidar de caçadas, de festas, de dansas, de concertos. A rainha, entusiasta como o era já no mosteiro de Inch-Mahome, entregava-se a todos estes folgares com um prazer inaudito. Teda aquella cõrte fastuosa dos Valois, de que Catharina de Medicis, era a sombra, e que Maria Stuart fazia esplendor com a sua mocidade, formosura precoce e superior espirito, embriagava-a ao mesmo tempo.

Joaquim de Belay, Ronsard, Jamyn faziam repetidas excursões bucolicas ao Parnaso, forcejando por atapetar de lyrios e rosas a estrada da vida á graciosa rainha, que a trilhava descuidosa e a rir.

A gelida e nevoenta Escocia era esquecida por vezes; e quando dos eirados de S. Germano ella contemplava a larga faxa do Sena, ou quando percorria, em uma barca dourada e empavezada, o lago de Fontainebleau, a filha de Jaques V nem se lembrava sequer do lugubre Kelpy. Tambem quem havia de agora pensar nas aguas profundas do Monteith, tendo diante dos olhos as nayades de França, e uma lymphá chrystalina? Se algum genio se escondia sob as ondas argenteas dos ribeiros, era sempre alguma divindade formosa e moça, assentada em nacarada

concha, e não de certo nenhum centauro horrível como o escocez.

E esqueceram-o! Mas elle é que não ha de esquecer-se, não! A filha de Jaques V fôra abençoada por seu pae no meio de uma dolorosa agonia; o clarão das fogueiras alumiará-lhe o berço; a ventura, pois, só podia ser para ella uma excepção. De feito apenas completára 19 annos, roubou-lhe a morte o seu muito amado esposo Francisco II, e um cortejo illustre e brilhante, mas coberto de luto e tristesa, se dirigiu para o litoral, reconduzindo aos seus navios a coitada de Maria Stuart, que desafogava a sua dôr em fervorosas préces e versos harmoniosos.

A 15 d'agosto de 1561, duas galeras e dous navios de transporte largavam de Calais. Em um d'estes navios ia Maria Stuart sentada, contemplando as costas de França, que começavam a minguar no horisonte. A historia revelou-nos o *costume* da rainha n'esse dia: trajava um vestido de veludo branco, que então se usava para o luto carregado das rainhas de França; um grande cabeção guarnecido de preciosas rendas no pescoço; o véu engomado formava uma curva por cima de cada hombro; as mangas, de téla de prata, eram estreitas em baixo e tufadas em cima; o cabello, liso na testa, era rizado junto das fontes, e prezo na nuca com fitas; uma *touca* leve descia-lhe em feitio de coração sobre a testa, e cobria, sem os esconder inteiramente, tres fios de bellissimas perolas; no pescoço esplendia-lhe um collar tambem de perolas, que ella preferia a todas as suas joias.

Pobre Maria! Á medida que se afastava das margens, sentia inexplicavel angustia apertar-lhe o coração; é que deixava em França um tumulo, no qual jaziam com o seu joven esposo, todos os seus sonhos, todas as suas illusões, e ia encontrar na Escocia fogueiras de pouco tempo apagadas, cadafalsos ainda sangrentos; abandonava uma corte folgazã, peitos abrasados de amor; e ia tratar subditos melancolicos e desconfiados, e uma nobreza soberba e ciosa. Em França amavam-na, adoravam-na. E em Escocia apenas a conheciam, e já começavam a odial-a.

As viagens eram funestas a Maria. Desde o dia em que o demonio do lago de Monteith lhe apparecera, não puzera o pé em navio que não succedesse algum desastre. Estando já a distancia da terra, dous barcos que conduziam aos navios gente do cortejo, viraram-se, e seis homens sumiram-se nas ondas; a agua espadanou até á cabeça de Maria Stuart, que bradou por soccorro, mas em vão; o mar não restituiu o holocausto, e depois de inauditos esforços vieram annunciar á rainha que a equipagem perdêra seis homens.

Duas lagrimas se deslisaram pelas faces da real viuva, que disse para as suas damas, que a haviam rodeado, e forcejavam por a consolar:

— A minha fé inhibe-me de acreditar em sortilegios; o meu coração repelle loucos terrores; mas, a despeito do meu coração e da minha fé, declaro que vi o demonio do lago travar d'aquelles barcos e affundal-os.

— Minha rainha, acudiu Maria Fleming, deixavos de illusões; demonio de Monteith é cousa que não existe; existe, porém, a colera do Oceano, e, lá em cima, Deus, que permite a morte.

— Oh! eu creio em Deus, replicou Maria Stuart com exaltação; mas não posso ser superior ás superstições que me embalaram na infancia.

E largando as suas fieis companheiras, foi para um canto do navio, meditar e chorar á sua vontade. Ouviam-na a espaços dirigir melancolicos adeoses á

França; enviava-lhe, n'aza dos ventos, os mais ardentés votos; depois orava pelos infelizes que o navio deixára em sua esteira; e quando lhe occorria á idéa o demonio do lago, evocando todas as recordações da sua infancia, comparava a triste rainha, regressando viuva á Escocia, com aquella alegre menina que fôra a França buscar fugitivas alegrias e pezares eternos.

A rainha acreditava na eternidade da sua dôr; mas Maria Stuart era d'estas naturezas excepcionaes, que absorvem as lagrimas como a arêa ardente do deserto absorve o orvalho do céu, e em quem nunca acabaram as tentações da terra, e os delirios do coração. Era sincera a sua dôr. N'aquelles deliciosos versos que todos conhecem — *Adieu plaisant pays de France*, etc., julgára exhalar quanto lhe restava de paixão na alma; em presença d'aquella terra que abandonava, para sempre, após a scena de luto que tão profundamente a sensibilisára, julgava de boa fé, que não tornaria a recuperar o seu sorrir de rainha, e a sua isenção infantil. Mas estava escripto que ella tivesse de passar ainda muitas vezes pelas violentas alternativas de insensatas alegrias e incomportavel ansiedade.

A viagem passou-se pois tristemente. Maria chorou muito, e disse ao timoneiro que a accordasse ao romper dô dia, se ainda se avistassem as praias de França. O velbo marítimo não esqueceu esta ordem, e Maria Stuart pôde saudar pela ultima vez, ao clarão da alvorada, as costas da sua patria adoptiva; depois tudo desapareceu; o horisonte tornou-se infinito, e a rainha achou-se sósinha, com os seus desgostos, entre o céu e a terra. Chegaram á vista da Escocia no domingo pela manhã; mas um nevoeiro cerradissimo impediu o desembarque, que só se effectuou no dia seguinte, 19 d'agosto de 1561.

(Continúa.)

*Processo facilimo para gravar em aço com uma penna.* — Aquece-se uma lamina de aço, convenientemente preparada, esfrega-se com cera branca, de modo que sobre o aço fique uma camada bem distribuida, mas de pouca espessura; depois escreve-se sobre a cera com uma penna, tendo o maior cuidado em que os traços penetrem até o aço; concluida a escripta ou desenho lança-se sobre os traços que se fizeram um pouco de vinagre forte, que se salpicará com o bichlorureto de mercurio (sublimado corrosivo); passados dous ou tres minutos exponha-se a lamina ao calor para lhe tirar a camada de cera, e apparecerá a gravura bem visivel, e prompta para qualquer applicação que se lhe queira dar.

— O que nasceu para o trabalho, como boi, não se lhe dêem azas, com que queira ou possa elevar-se fóra da sua esphera; o que é aguia na viveza, participe mais dos raios do sol, pois lhe são mais naturaes seus resplandores; o que é leão no valor administre as operações da valentia, porque lhe guardará respeito a mesma fortuna; e o que é homem no conselho, governe elle os mesmos conselhos, porque sejam acertadas as resoluções nas materias; por isso succedem muitas vezes mil desastres no carro da monarchia.

PADRE A. VIEIRA.

*Rectificação.* — No artigo sobre hospitaes, publicado a pag. 336, lin. 32 do N.º 42, onde se lê — 1345 deve ler-se 1485.